Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 311-315
https://doi.org/ 10.34640/cjhs2_2026_108

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

Paula Morão & Cristina Pimentel (Coords.), *A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura: Presenças clássicas nas literaturas de língua portuguesa*. Vol. VII. Lisboa: Edições Colibri, 2025. Pp. 437. ISBN 978-989-566-571-6.

Adriana Freire Nogueira

Universidade do Algarve, Portugal
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra
https://orcid.org/0000-0002-5709-6870

Foi editado, em dezembro de 2025, mais um volume, o sétimo, da *série A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura*, que tem vindo a ser publicada bianualmente, intercalando com o congresso internacional com o qual partilha o nome e o propósito, tão bem plasmado no subtítulo: *Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*.

As coordenadoras científicas, Paula Morão e Cristina Pimentel (a ordem do nome vai alternando nos diversos volumes), ambas professoras catedráticas, atualmente, eméritas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, há mais de uma década que se mantêm à frente deste pertinente projeto de juntar estudos de investigadores de diferentes instituições e países em torno da receção da antiguidade clássica nas expressões literárias em língua portuguesa. Neste número, a diversidade continua, pois encontram-se participantes de instituições de ensino superior português (Universidades de Lisboa, Coimbra, Porto, Aberta e Católica, e Instituto Politécnico de Portalegre) e estrangeiro (Complutense de Madrid, Granada, Las Palmas de Gran Canaria, Federal de São Paulo, Federal do Rio de Janeiro), originários de Portugal, Brasil, Espanha e Itália, havendo um artigo em inglês, dois em espanhol e os restantes em português.

A relevância destes volumes é indiscutível e, desde logo, permite uma conclusão: os clássicos continuam presentes nas literaturas de língua portuguesa de um modo prolífico, despertando interesse, não só entre os investigadores portugueses, como em estrangeiros, assim como continuam a inspirar criadores.

* **CONTACT Adriana Freire Nogueira** Email: anogueir@ualg.pt

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

O prefácio, assinado pelas coordenadoras científicas, expõe um breve historial das edições dos colóquios e da edição dos volumes que lhes sucedem, apresentando sumariamente os temas abordados nos vinte ensaios que compõem este número. A edição, de Rui Carlos Fonseca, Joana Veiga e Ricardo Nobre, está organizada cronologicamente, com ensaios que abrangem obras do século XVI ao XXI, apresentando cada artigo uma bibliografia final.

Os quatro primeiros estudos debruçam-se sobre autores do século XVI: Damião de Góis é-nos mostrado, como homem e como autor, pela análise de Lorenzo Zaccaria; Ana Margarida Silva Azevedo dedica o seu ensaio às traduções que André de Resende faz de trinta e três odes, um epodo e uma sátira de Horácio; Maria Luísa Resende examina o recurso a citações de textos clássicos por Frei Heitor Pinto; por último, Luís Miguel F. Henriques analisa o recurso ao *topos* retórico de discursos paralelos no discurso historiográfico, apresentando quadros esquemáticos de arengas contrapostas em autores como Jerónimo Osório e Frei Bernardo da Cruz.

Dois ensaios ocupam-se da influência dos clássicos em autores do século XVII: Paula Almeida Mendes escreve sobre a obra de literatura moral em "*Exempla* clássicos na obra *Tempo de Agora* em *Diálogos* (1622-1624) de Martim Afonso de Miranda"; Maria do Socorro Fernandes de Carvalho apresenta-nos "Poemas panegíricos: poética e retórica da virtude na Restauração", partindo de uma obra que reúne 64 sonetos de 50 poetas, um *Certamen* poético laudatório a Dom Miguel de Noronha, publicado, possivelmente, em 1625.

David Mesquita e Joana Veiga dedicam-se a tradutores de Horácio no século XVIII, com especial destaque para Rita Clara Freire de Andrade, que escolhe traduzir o poeta em verso rimado, contrariando nomes destacados como Cândido Lusitano, mostrando, assim, uma voz que desafiou a desvalorização de que foi alvo.

Maria José Ferreira Lopes apresenta o único ensaio sobre um autor do século XIX, em "A herança clássica como 'baeta da zombaria' em *Cenas da Foz* de Camilo Castelo Branco".

Os restantes ensaios ocupam-se dos séculos XX e XXI.

Ana Rita Figueira, que se refere ao seu escrito como "meditação", apresenta um ensaio filosófico, no qual compara poemas de Álvaro de Campos a vasos gregos que, apesar de identificados, com os respetivos *links*, em nota de rodapé, o leitor ganharia com a exibição das imagens. De qualquer forma, isso não retira, em nada, o interesse da original correlação entre eles que aqui é apresentada. A meditação incide ainda sobre as "coerências entre os versos de Álvaro de Campos e os ditos de Heraclito" (p. 194), e entre estes e a *Ilíada*, fazendo uma leitura destas correlações à luz do Vorticismo de Wyndham Lewis e Ezra Pound.

O ensaio de João Paulo Simões Valério faz um levantamento das referências a Dioniso na obra de Natália Correia, partindo da hipótese de que a escritora "apagou a sua presença" (p. 202). No entanto, o autor, ao analisar poesia, teatro e romances, pôde

perceber a importância deste deus, "invocado directamente por Natália em contexto político e especialmente na poesia" (p. 210), como uma divindade positiva, solar, não oposta a Apolo.

Gregorio Rodríguez Herrera, com base na teoria da receção, analisa a dicotomia essência/imanência em personagens femininas da antiguidade presentes na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen (as Musas, Penélope, as Parcas, Electra e Eurídice), para concluir que Sophia se afasta dessas imagens estereotipadas, procurando encontrar a sua verdade, a sua imanência.

Helena Gervásio Coutinho analisa a obra *Pindorama ou o Brasil Restaurado*, da autoria de Carlos Alberto Nunes, conhecido tradutor de textos clássicos, nomeadamente a *Ilíada* e a *Odisseia*, com a particularidade de as ter vertido para português, adaptando o hexâmetro dactílico (o verso original usado por Homero) à nossa língua. A obra em estudo também foi escrita nesse mesmo metro, revitalizando, assim, a tradição clássica e o modo como o seu poema foi percebido.

Ricardo Duarte, o tradutor da totalidade das tragédias de Séneca para português, aqui analisa a presença deste autor latino no romance histórico *Memórias de Agripina* (1993), de Seomara da Veiga Ferreira. Duarte apresenta as fontes que o descrevem (mais detratoras do que favoráveis) e como a controvérsia em seu redor foi aproveitada no romance, para apresentar o conflito entre o estoicismo que seguia e a sua proximidade com o poder político da época.

Ana Sofia David analisa, na poesia de Daniel Faria, as personagens Penélope e a bíblica Sara (mesmo quando não diretamente nomeadas, como no poema "Ítaca", em que se percebe que a fala é de Penélope, sem que o seu nome esteja explícito), concluindo que nelas se unem as tradições gregas e judaico-cristãs.

Ana Paula Pinto faz uma aturada apresentação das fontes literárias e arqueológicas sobre os vários mitos que se associam a Creta, para analisar "a expressividade simbólica do labirinto como força poética nuclear no romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), de Teolinda Gersão" (p. 294), concluindo como este mito ocupa ainda o imaginário europeu e permite "denunciar as violências desagregadoras da opressão" (p. 311).

Antonio Alías parte de um poema que Hélia Correia publicou no suplemento P2, do jornal *Público*, a 21 de janeiro de 2012 — data por si exigida, para coincidir com a "Marcha da Indignação" (contra a crise que se vivia e que estava marcada para esse dia), chamado, precisamente, "Indignação". No mesmo ano, Hélia Correia publica o livro de poemas *A Terceira Miséria*, que Alías analisa à luz das influências de Hölderlin, mas também de Nietzsche e Maria Gabriela Llansol, como uma reflexão sobre a responsabilidade política da própria poesia, numa luta contra a instrumentalização da cultura, tornando-se o poema "una especie de forma de resistencia ontológica frente a la contingencia de los tiempos" (p. 323).

Cândido de Oliveira Martins escreve sobre a poesia de Ana Luísa Amaral (1956-2022), focando-se na "presença da Antiguidade clássica", como indicado pelo título. O autor destaca a natureza dialógica do texto poético (sendo "texto" a palavra-chave, por se ligar etimologicamente a tecelagem), onde se entrelaçam múltiplas referências à Antiguidade, reinvenções e reescrita de motivos clássicos, frequentemente em diálogo com outros autores e personagens literárias (recorda-se, entre outros, o poema "Em Creta com o dinossauro", glosando Jorge de Sena). O ensaio está organizado por andamentos, como o autor lhe chama: "Vozes", "Avesso" e "Memória", metáforas dos eixos fundamentais da poética de Ana Luísa Amaral, cuja inter-relação a permite inscrever no legado clássico.

José Ribeiro Ferreira analisa o livro de poemas (ou, todo ele, um *Poema*, como o subtítulo indica) *Sete Partidas* (2008), de Manuel Alegre, que se depreende ser uma homenagem do poeta ao Infante Dom Pedro. O ensaio investiga cada um dos 12 poemas, revelando a sua coerência, tanto interna como com a obra de Manuel Alegre no seu todo (sobre a qual Ribeiro Ferreira tem publicado), salientando as referências que vão sendo feitas à Antiguidade clássica.

Anabela Morais Brás debruça-se, especialmente, sobre duas obras de Lídia Jorge (Prémio Camões 2026; Prémio Estatal Austríaco de Literatura Europeia 2026; Prémio Pessoa 2025, para indicar apenas os mais recentes, de entre os inúmeros reconhecimentos obtidos no país e no estrangeiro): o romance *Estuário* (2018) e o livro de crónicas *Em todos os sentidos* (2020), em busca das presenças clássicas na sua obra, presenças essas que a própria Lídia Jorge assume, citando Anabela Morais Brás o testemunho dado pela escritora no Volume III desta mesma coleção, publicado em 2017 (p. 12): "Ésquilo, Sófocles e Eurípides, em suas paletas largas, que vão das maiores brutalidades às mais delicadas subtilezas do espírito, são dos nossos dias, nasceram ontem, actuam hoje e preparam a refeição do nosso amanhã. [...] Todos somos sobreviventes dos clássicos, admitindo-o ou não. Escrevendo-o com todas as letras ou não" (pp. 370; 387), para concluir que a preservação do legado clássico, em Lídia Jorge, contribui para dar à Literatura relevância para defender a paz, sensibilizar para o sofrimento do (e no) mundo, valores inscritos na identidade europeia.

Por fim, o último ensaio, de Ana Isabel Correia Martins, dedica-se a *Aberto todos os dias* (publicado em 2023, recebeu três distinções, entre as quais o Grande Prémio de Poesia António Ramos Rosa/APE), de João Luís Barreto Guimarães (poeta publicado e traduzido em mais de 25 países, com diversos galardões recebidos, entre os quais o Prémio Pessoa 2022, o autor mais jovem tratado neste volume).

Estabelecendo conexões com a restante obra do poeta, bem como reconhecendo as suas influências poéticas, artísticas e teóricas, Ana Isabel Correia Martins analisa como a Antiguidade (nas suas matrizes greco-latinas e judaico-cristãs) perpassa a sua escrita, de um modo expresso (as quatro partes do livro intitulam-se *locus amoenus, beatus ille,*

tempus fugit, carpe diem) ou subentendido, deixando no ar as perguntas com as quais a poesia de João Luís Barreto Guimarães nos interpela.

À semelhança dos anteriores, também este volume termina com uma secção de "Testemunhos" de escritores. Desta vez, podemos aí ler o de António Vieira sobre como os autores antigos entram na sua escrita, desvendando o seu próximo projeto, que se intitulará *A morte de Lucano*; o de Rita Taborda Duarte, que apresenta vários dos seus poemas já publicados com estes temas e afirma: "Um texto moderno traz sempre os clássicos às costas (como o homem hodierno carrega consigo a sua origem mais primária), mesmo quando não lhe aponta o dedo acusativo, mesmo quando não os trata por tu [...]" (p. 423); e o de Tatiana Faia, poetisa e classicista, que nos traz uma reflexão (com que este volume termina) a que chamou "Caminhar para Delfos" (pp. 433-437), inspirada num poema de Sophia de Mello Breyner Andresen. No seu testemunho, Tatiana confessa: "O motivo por que amo os clássicos, dizia, tem qualquer coisa a ver com o espanto perante esse cuidado de tentar preservar essa memória de mortos muito longínquos." (p. 436).

Em conclusão, estamos perante um volume que se lê com muito agrado e que, sem dúvida, acrescenta conhecimento sobre a presença dos clássicos nas literaturas de língua portuguesa, com principal relevância para os estudos da receção da antiguidade na contemporaneidade. Juntando-se aos números anteriores, beneficiará quem se ocupa destas temáticas, mas, certamente, despertará a atenção dos interessados, em geral, por literatura.